



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

SOBRE A TRADUÇÃO

Dennys da Silva Reis¹
Universidade de Brasília (UnB)

Ricoeur, Paul. **Sobre a tradução**. Tradução de Patrícia Lavelle. UFMG: Belo Horizonte, 2011.

Paul Ricoeur (1913-2005) foi catedrático de filosofia e doutor em Letras, seu trabalho é conhecido em vários ramos de conhecimento, dentre eles a hermenêutica, a fenomenologia, a teologia cristã e a filosofia da linguagem. O livro *Sobre a Tradução* é um dos poucos que reúnem ensaios sobre a tradução mostrando seu ponto de vista deste domínio que, segundo ele, vive na eterna busca de uma teoria. O livro é dividido em três partes intituladas: “Desafio e felicidade da tradução”, “O paradigma da tradução e “Uma ‘passagem’ traduzir o intraduzível”.

Em “Desafio e felicidade da tradução”, o primeiro artigo do livro, que foi proferido no Instituto Histórico Alemão em 15 de abril de 1997, trata dos desafios, renúncias e restrições que o tradutor enfrenta no ato de traduzir. Ricoeur enumera as seguintes dificuldades da tradução: o procedimento da salvação com um certo consentimento da perda, o serviço a dois senhores – o leitor e o estrangeiro –, e a presunção da não traduzibilidade. Entre as resistências da tradução, o autor explicita que existem duas: “aquela do texto a traduzir e aquela da língua que acolhe a tradução” (p. 27). Mas também menciona que a grande renúncia da tradução e ao mesmo tempo a preciosa recompensa é renunciar ao ideal da tradução perfeita. Esta é revestida de diversas formas, mas especialmente de espécies de “omni-tradução” – que saturaria o espaço da comunicação interlinguística e preencheria a ausência da língua universal – e da visada “pura linguagem” – que apagaria a história de todos os estrangeiros tornando apátrida a linguagem. Por fim, Ricoeur afirma que por causa dessas dificuldades, renúncias e resistências é que o luto na tradução se forma: “E é esse luto da tradução absoluta que faz a felicidade de traduzir” (p. 29), pois segundo o filósofo a dialogicidade do ato de traduzir e o horizonte razoável do desejo de

¹ Mestrando em Estudos da Tradução pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: reisdennys@gmail.com



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

traduzir constroem a *hospitalidade linguística*, “onde o prazer de habitar a língua do outro é compensado pelo prazer de receber em casa, na acolhida de sua própria morada, a palavra do estrangeiro” (p. 30).

Já no texto da aula inaugural da Faculdade de Teologia Protestante de Paris em 1999 intitulado “O paradigma da tradução”, Paul Ricoeur tenta responder, do ponto de vista fidelidade *versus* traição, as três seguintes questões: por que não apenas uma língua e sobretudo por que tantas línguas? Por que o desejo de traduzir existe? E com o que trabalhamos quando falamos e dirigimos a palavra a outrem? Tais perguntas desdobram esse texto passando por uma nova leitura do mito de Babel e sempre apoiado em textos clássicos da tradução – a saber, *A prova do estrangeiro* de Antoine Berman, *Depois de Babel* de George Steiner e *A tarefa-renúncia do tradutor* de Walter Benjamin – ora para refutá-los, ora para afirmá-los. Neste segundo texto do livro, Ricoeur reafirma a tradução como um processo oriundo da diversidade das línguas e que, conseqüentemente, dá vida à hospitalidade linguística. E além disso, a tradução, ora colocada em questão como transferência verbal e ora tomada como sinônimo da interpretação de todo um conjunto significativo no interior da mesma comunidade linguística, será um alargamento do horizonte da própria língua que partirá de um fato característico em línguas de que é sempre possível dizer a mesma coisa de outro modo.

No último ensaio, “Uma ‘passagem’: traduzir o intraduzível”, texto inédito até a publicação do atual livro, Ricoeur põe em questão o intraduzível da tradução que pode ser classificado como o intraduzível de partida, o intraduzível de chegada e o sentido. O primeiro diz respeito à heterogeneidade das línguas que, se levada em conta na sua totalidade, torna impossível a tradução; o segundo remete à existência da tradução como a *construção de comparáveis* tendo por base as equivalências sem identidades, a restituição de *levar o leitor ao autor* e de *levar o autor ao leitor*; e o último se refere à tradução da *letra*, daquilo que confere sentido e que difere da tradução palavra por palavra, tradução literal.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

Este livro é um convite a uma pequena introdução à filosofia da tradução. Diferentemente de outros filósofos da linguagem, Paul Ricoeur não considera a tradução como parte da desconstrução, mas seu trabalho é algo que constrói pontes entre as cultura estrangeiras, que define novos horizontes de um nova língua no que tange a descobrir seus próprios recursos a fim de expressar o estrangeiro acolhendo-o na sua língua e que é possível quando se admite que não existe e nunca existirá uma língua perfeita, universal ou mesmo uma tradução perfeita.

Esta reflexão nos traz várias pontas do *iceberg* do que é ou do que seja traduzir: construir comparáveis, necessidade, utilidade, hospitalidade linguística, dizer o mesmo de outro modo, renunciar à tradução perfeita, etc. O livro nos leva a refletir a tradução como algo muito bom para a humanidade e algo que não é fruto da condenação-confusão de um deus ciumento, como afirmam outros autores ao ler o mito de Babel; mas fruto, acima de tudo, da necessidade humana de comunicação, de conhecer o estrangeiro e apropriar-se dele, mesmo que por meio de uma tradução.

Sobre a tradução é recomendável a todos aqueles que se aventuram nos labirintos da tradução, em especial, aos profissionais das letras (linguistas, tradutores, literatos, professores, escritores, etc.), historiadores e filósofos. Para os que estão iniciando seus estudos sobre tradução, o livro é obrigatório na pequena bibliografia introdutória visto que Paul Ricoeur faz o pequeno panorama entre os autores clássicos da tradução – George Steiner, Walter Benjamin, Henri Meschonnic e Antoine Berman – para defender seu ponto de vista único a respeito da tradução.